

Análise semiótica da prototipagem: o protótipo enquanto processo projetual em constante ressignificação

Natália Duhart Figueiredo

resumo:

Enquanto espaço de produção de sentidos, proposição de novas realidades, inovação e transformação, nota-se no design estratégico características fundamentais, como reflexão e prospecção. Neste sentido, visualiza-se a prototipagem enquanto processo projetual, o que pressupõe a incompletude do protótipo, uma eterna abertura que leva a constantes novas interpretações, visões e ressignificações. O artigo pretende analisar a produção de sentidos e de ressignificação em uma prática de prototipagem situada, analisando as transformações ocasionadas na situação de projeto abordada, bem como na visão do próprio projetista. Conclui-se que com o desenvolvimento do processo projetual, a situação modificou-se graças a diferentes interpretações e ressignificações por parte dos projetistas e de atores externos, corroborando assim, um grande potencial de produção de sentidos na prototipagem.

palavras-chave:

Produção de sentidos; Prototipagem; Design Estratégico; Corporeidade;

1 Introdução

Definida como a ciência do signo, da semiose, entende-se a semiótica primordialmente como a ciência da significação. Compreende e considera-se que a mesma ainda pode ser estabelecida, em relação ao design, como a ciência da transformação. Por um viés projetual, com caráter transformador, a semiótica pode ser abordada pela capacidade de construção, modificação e influência dos signos e identidades culturais, podendo ser evidenciada como o processo pelo qual a humanidade e o ambiente tomam forma e estruturam a vida. (ZINGALE, 2016)

Neste contexto, reflete-se que para o signo ser algo, agente ativo, ele precisa significar para alguém, ou seja, o mesmo só é quando representa e traz um sentido – a partir da interpretação de um ator humano. Neste âmbito, corrobora-se que o significado não é algo intrínseco, ele é produzido, primordialmente através da interpretação do homem, como um processo de significação. Pondera-se então que, o universo humano é dotado de significados, entendendo que o indivíduo quase que não existe sem os mesmos, sem atribuí-los. Considerando o exposto e partindo-se da ideia de Zingale, de que o ser humano é quase que “incompleto e organicamente inacabado” e precisa de projetos, a produção de sentido e de interpretação pode ser considerada parte da sua essência. (ZINGALE, 2016)

Alinhando-se ao projetar, oportuniza-se a apresentação e ambientação do design estratégico, disciplina que traz a sua centralidade na produção de sentidos. Considerado por Zurlo como uma “palavra-problema”, o design estratégico compõe-se por um fenômeno complexo de sistema aberto, modelos interpretativos articulados, com diferentes perspectivas disciplinares e pontos de vista. Entende-se, assim, algumas de suas características, como dimensão situada, capacidade habilitante de processos de diálogo e busca por soluções e resoluções dotadas de valores processuais. (ZURLO, 2010)

Para um melhor entendimento, situa-se o conceito de estratégia como causa e efeito de um processo coletivo e interativo para transformar a realidade. Relacionada a diálogo, negociação e, acima de tudo, a integração com diferentes atores, pode-se dizer que a mesma se constitui em uma série de ações sucessivas, que pressupondo abertura – no sentido de flexibilidade, transformação – se modificam, aprimoram, adaptam e reconstróem-se de acordo com as respostas obtidas do meio em que são postas. (MERONI, 2008; ZURLO, 2010)

Como disciplina da complexidade, o design estratégico opera além do lado racional e reflexivo humano, na dimensão subjetiva da escolha, deslocando o seu foco da resolução de problemas e tomada de decisão para a configuração do problema e produção de sentidos. Ou seja, o papel torna-se, principalmente, abrir novas questões, entender como resolvê-las, construir diálogos e realidades desejáveis. Entende-se, portanto, que o design estratégico pode ser vislumbrado pela sua fundamentação em atividade de projeto formulada no desenvolvimento de estratégias, finalizando a sua própria operacionalidade na geração de um efeito de sentido – a dimensão de valor para alguém –, direcionando-se para comunidades e sujeitos, que são capazes de significar a realidade. (MERONI, 2008; ZURLO, 2010)

No viés de design estratégico, entende-se a prototipagem – comum às atividades de experimentação material – como uma forma de lidar com problemas dinâmicos e complexos da sociedade atual. Protótipo, enquanto processo projetual, jamais pode ser visto como algo referente ao fim, a um artefato conclusivo. O mesmo é relacionado a um processo incessante, que jamais encontra o final, e é apenas encerrado por ser datado a uma determinada situação, mas com potencial de inúmeras novas possibilidades e proposição de realidades futuras e desejáveis. (JIMÉNEZ, 2013; MEYER, 2018)

Considerando-se o exposto, o artigo pretende analisar a produção de sentidos e ressignificação em uma prática de prototipagem situada, ponderando as transformações ocasionadas na situação de projeto abordada, bem como na visão do próprio projetista. Para tal, inicialmente se apresenta uma discussão sobre as qualidades da prototipagem enquanto processo de projeto, bem como uma relação com o terceiro dos níveis de pertinência de Fontanille (2005), a corporeidade. Posteriormente, apresenta e discute-se a trajetória da atividade de prototipagem realizada.

A prática de prototipagem analisada compõe-se por uma atividade ocorrente na disciplina de Experimentação em Design Estratégico – 2019/2, do Mestrado em Design Estratégico na Unisinos. Composto-se pela especulação e argumentação através da protótipo, buscou-se a produção e reflexão de transformações na situação de extinção das abelhas. Com o desenvolvimento do processo projetual, a situação modificou-se em virtude das inúmeras interpretações e ressignificações, por parte dos projetistas e de atores externos. Entendendo assim um grande potencial de produção de sentidos na prototipagem.

2 Protótipo enquanto processo projetual, corporeidade e significação

Artificialidades são nutridas por significados, que por sua vez são embasados em interpretações pautadas por vivências e experiências acumuladas. Assim, manifestam-se aqui os artefatos como tudo o que é produzido pelo ser humano, todas as materialidades (não necessariamente tangibilizáveis) desenvolvidas e atribuídas de sentido, atreladas a valores e narrativas, que contam histórias, comunicam e evidenciam sua condição cultural. Entende-se, neste contexto, o ator humano como o sujeito da interpretação, do que se faz e como se age com o mundo, onde toda a sua produção é dotada de sentido, e traz enraizada as suas próprias visões e perspectivas.

Acredita-se que todo artefato é um potencial produtor e transmissor de modelos mentais e comportamentais e que o sentido dos mesmos é encontrado nos efeitos produzidos. Entende-se, então, o artefato como formas de signos convencionais, produtos da cultura e dos interpretantes. (ZINGALE, 2016)

Considerando-se o desenvolvimento dos artefatos, pautados por um viés de experimentação, comum às atividades de prototipação no design estratégico, torna-se oportuno apresentar a compreensão do entendimento geral do mesmo, perante algumas características específicas.

Pensando-se nos protótipos enquanto processos de projeção, enxerga-se nos mesmos uma qualidade muito além da funcionalidade ou de tangibilização. Reconhece-se, no corrente artigo, o protótipo, enquanto essência, como uma entidade rica, nutrida de significados e conexões – relações. Nesta visão, entende-se que a prototipagem é o oposto da produção de artefatos técnicos funcionais datados, meros objetos que servem somente a uma aplicação pré-determinada por um sujeito humano, pautados pelo entendimento do design industrial.

Sendo assim, nota-se uma potencialidade e condição de ação ativa e social nos protótipos. Tal característica, corrobora-se principalmente quando se considera a capacidade de comunicação e transformação dos mesmos, no quesito de explicitar suas redes obscuras, evidenciar as relações presentes em sua composição e construção. Enquanto processo de projeto, entende-se que esta agência social traz para a atividade de prototipação uma eterna incompletude, uma incessante gama de possibilidades de construção de novas realidades e proposições de sentido. (JIMÉNEZ, 2013; MEYER, 2018; MEYER, 2018)

Desta maneira, percebe e caracteriza-se o protótipo enquanto fato social, algo que carrega um mundo à parte, que pode levar consigo todos os universos que permeiam as suas relações. A abertura do protótipo implica no reconhecimento de sua instabilidade definitiva, e assim na aceitação de que o mesmo é um espaço de geração de novas realidades, ou seja, compreender o protótipo enquanto processo de projeto, como algo que acione proposições futuras. Assumir a abertura, leva a compreensão e visualização da agência social do mesmo, como ator ativo e não apenas como artefato inanimado – como afirmam algumas bases convencionais. (MEYER, 2018; MEYER, 2018)

Neste sentido, entende-se que a agência social corrobora-se na capacidade que o protótipo possui de expressar, agir e influir sobre determinadas situações. Dessa maneira, o mesmo evoca sensações no ator interpretante, causando sentimentos, motivações e problematizando diferentes interpretações pautadas pelas vivências e experiências deste observador, gerando transformações e consequentes novos significados. (JIMÉNEZ, 2013; MEYER, 2018; MEYER, 2018)

Compreende-se que, a eterna incompletude do protótipo, estimula e conduz a outros novos processos de projeto. Ou seja, cada sentido proposto, exposto, reinterpretado, gera por si só outra prototipagem, em um ciclo infundável de reflexão e produção de sentidos.

Neste contexto, se entende o âmbito da experimentação como uma instância que potencializa as capacidades processuais e a nutrição das significações e ressignificações do protótipo, visto que pressupõe e direciona o foco do designer para proposições inusitadas, como uma nova forma de lidar com a complexidade, gerando especulações, interpretações, diálogos e transformações. Enquanto qualidade da prototipagem, pensa-se a experimentação através de um caráter social, que traz consigo um efeito de negociação, quase como uma prática ontológica, compõe-se por uma atmosfera que caracteriza, impulsiona, permite, provoca e potencializa novas discussões e argumentações, transformando, modificando desconstruindo e ressignificando constantemente o protótipo. (JIMÉNEZ, 2013; MEYER, 2018)

Sendo assim, acredita-se que a experimentação engloba todo o envolvimento do protótipo enquanto processo, a conjuntura e as relações que se desvendam. Enquanto prática ocasional, que propõe incertezas e especulação, a experimentação fomenta a abertura do protótipo, trazendo à tona sua agência social e caráter transformador, ou seja, a prática experiencial é comum a atividades de prototipação trazendo a ênfase do protótipo como um processo de projeto, com potencial transformador e geracionista de novas realidades desejáveis, trazendo sempre novas e futuras perspectivas, diálogos e reflexões, um processo de projeto, com essência e agência social.

Acredita-se que, neste viés, onde protótipos são vistos enquanto processos projetuais, a veracidade do caráter transformador e propositor de realidades futuras parte da interpretação, desconstrução e ressignificação do mesmo – produção de outros sentidos. Portanto, conforme o exposto, entende-se o protótipo como toda a atmosfera que envolve o desenvolvimento de novos significados, sendo assim, contemplando novas processualidades, materialidades e corporeidades.

Neste caminho, de desenvolvimentos, construções, artificialidades e corporeidades, oportuniza-se a manifestação do conceito de objeto, caracterizado por Fontanille (2005) como o terceiro nível de pertinência semiótica. Objetos, de acordo com o autor, compõe-se por estruturas materiais – que dão aparência a sistemas, processos e produtos – repletos de funcionalidade, forma identificável e destinados a algo – uma prática e/ou um uso. A materialidade abordada dá aparência a sistemas, processos e/ou produtos – a mesma não diz respeito precisamente a tangibilização, é entendida como substrato sensível. Percebe-se, portanto, o objeto como algo que expressa, que compreende e abraça os signos e textos enunciados. Ou seja, que promove a integração e articulação do conjunto, corroborando em uma autonomia material e sensível de funcionamento semiótico. (FONTANILLE, 2005)

Amplamente influenciados e designados pelo ambiente situado, os objetos são indissociáveis do entorno no qual estão inseridos, que certificam a sua aplicabilidade e validade. Neste meio, visualizam-se atores não-humanos como o espaço, diferentes objetos, enunciados, bem como atores-humanos, potenciais espectadores, suas esperas, competências e bagagens. Neste entendimento, corrobora-se que, além do objeto, toda a estrutura envolta – a cena predicativa, como intitula o autor – influi e importa, visto que molda a situação, a delimitação, interação e interpretação perante atores que compõem a conjuntura. (FONTANILLE, 2005)

Mais do que qualquer outra classificação, entende-se que os objetos – na perspectiva apresentada – falam, comunicam e expressam-se através da sua corporeidade. Neste sentido, nota-se a agência social dos mesmos em revelar histórias a partir de suas próprias características enunciadas. Entende-se que o valor do objeto se encontra, portanto, na narrativa evocada – contada pelo sujeito interpretante –, no seu emaranhado de significações, que sintetizam e representam seu sentido em uma linguagem visual.

Corroborando o objeto enquanto instância formal da corporeidade, dotada de significado, conforme exposto anteriormente, e considerando o design estratégico enquanto uma metodologia propositiva e prospectiva, relaciona-se a teoria elaborada por Fontanille, com a perspectiva processual da prototipagem. Entende-se, no corrente artigo o objeto, pela perspectiva de Fontanille (2005) e o protótipo enquanto entes afins, que condensam um

cidade. Conceitua-se aqui que a prática de prototipação ocorre desde os momentos iniciais da pesquisa, ressignificando-se e transformando-se de acordo com as interpretações dos projetistas.

Acredita-se que processos interpretativos estão intimamente ligados com o projetar, mais precisamente com o fato de transformação do projeto, visto que os mesmos possuem a possibilidade de desconstruir e reconstruir percepções e identidades. Como instrumento para visualização da sua própria superação, entende-se que a interpretação é uma atividade que envolve compreensão e que se apresenta como um caminho para um possível sentido a ser construído. (ZINGALE, 2016)

Neste caso, entende-se que a interpretação é fator constante ao longo da prototipagem, desde as fases iniciais de pesquisa, até as subseqüentes, de experimentação material, aplicação da prática com atores externos e rodadas de crítica e discussão. Salienta-se a alteração de sentido do artefato objetual desenvolvido em pelo menos três momentos distintos: de pesquisas – passando de extinção das abelhas como um todo, para cimentação das árvores –, de experimentação material – de cimentação das árvores para o conceito e relevância de cuidado com alguns animais e não com outros – e na aplicação do campo com atores externos – transitando para uma questão ainda maior, de coabitação e preparo das cidades para com as abelhas. Evidenciando que com os processos projetuais, argumentos e realidades se rompem, graças a ressignificações encontradas e possibilidade de desenvolvimento de novos futuros e situações desejadas.

Com a experimentação material, visualiza-se a produção dos sentidos baseada na corporeidade exposta anteriormente, baseada nos níveis de pertinência de Fontanille (2005). Dentro deste conceito, evidencia-se a essência do objeto – artefato em questão – através das suas estruturas materiais, dotadas de uma morfologia, funcionalidade e forma exterior identificável. Na atividade em questão, o artigo desenvolvido foi denominado por “Capolmeia”, um capacete que simula uma colmeia de abelhas cimentada, acompanhado por um vídeo com imagens de animais e pessoas em estado de cimentação, a fim de provocar e especular sobre a importância dos animais e singularidade da morte. O artefato produzido manifesta a sua corporeidade, além do objeto em si, pelo conjunto de signos e textos que abarca, como a forma, as cores e textura interna, correspondentes a uma colmeia real, aos resquícios de cimento jogados, as imagens, sons e texto – “Você já imaginou ser cimento?” presentes no vídeo.

Entende-se que os níveis de pertinência, propostos por Fontanille (2005), são intrínsecos e relacionáveis entre si, todos constituídos por conjuntos significantes que se somam, agregam e compõem um plano de expressão. Sendo assim, considera-se que objeto, além de ser inseparável dos signos e textos-enunciado que compõe, também o são do entorno no qual estão inseridos e que lhe conferem eficácia enunciativa. Ou seja, compreende-se a importância das cenas predicativas na experiência prática do objeto.

Percebem-se cenas predicativas, primordialmente, pela disposição e significação dos conjuntos significantes, ou seja, pelos ambientes situados, como o entorno no qual os objetos – instâncias formais da corporeidade – estão inseridos e que assim, certificam sua finalidade e eficácia. Portanto, a cena pode ser vislumbrada através da conversão da experiência prática em muitos processos, atos de enunciação dos quais os objetos cumprem funcionalidades – das quais estão dispostos a servir. Como propriedades sensíveis e materiais das práticas e experiências subjacentes da conjuntura, as cenas predicativas são a base para as situações-estratégia. (FONTANILLE, 2005)

Estratégias que, neste viés, correspondem a instância formal da integração dos conjuntos significantes, entorno e interação com o ator interpretante, resultando a conversão em dispositivo de expressão de uma experiência de conjuntura e de ajustamento em cenas predicativas práticas. Ou seja, as estratégias representam basicamente a interação entre indivíduo, espaço e conjuntos significantes, em contextos mais ou menos previsíveis, proporcionando novas interpretações, ressignificações e produções de sentido. (FONTANILLE, 2005)

Explicita-se o conceito de cenas predicativas, bem como de conjuntura, a fim de abordar a importância das mesmas na interpretação e produção de sentidos ocorridos nos movimentos da

prática de prototipagem em campo e integração com atores externos. Considerando e rememorando-se que a motivação da atividade proposta na disciplina de Experimentação compunha-se por prototipar argumentos projetuais, a fim de transformar a situação de extermínio das abelhas – cimentação das colmeias, acredita-se que a integração do protótipo com indivíduos externos seja de extrema relevância, para a geração de diálogos e especulações que fomentem a produção de sentidos perante a transformação e proposição de novas realidades.

Salienta-se novamente que, a intenção do corrente artigo corrobora-se na produção de sentidos provenientes da prática de prototipação, portanto, não focaliza-se em pormenores e detalhamentos que não valorizem a proposta inicial.

Para a primeira proposição externa, modelou-se a interação em um parque localizado em uma área urbana da cidade. A cena foi disposta contando com o ambiente mais “cinza” da praça, próximo à rua, onde transitavam carros e pessoas. Interpretou-se que, ao posicionar o objeto neste espaço, depositaria maior dramaticidade e comoção com a dualidade entre a natureza e a cidade. Ao longo do período de exposição e interação dos distintos atores com o objeto, evidenciaram-se diferentes interpretações e significações para o artefato, conceituando-se que cada interpretante age de acordo com a sua bagagem pessoal, seus princípios, valores, entendimentos e relações.

Dentre as manifestações, apareceram vivências pessoais, como: “Temos uma relação meio difícil – tenho muitas flores na minha cobertura, vivo sendo picada”, demonstrando que existe uma relação não harmoniosa com as abelhas, ainda que se aceitasse a presença do animal. Outro relato trata de lado mais indiferente a situação: “A cidade não é local pra abelha. O desaparecimento do animal é, na verdade, um processo cíclico natural, vai e volta. Não vai acabar, não há necessidade de ficar espalhando preocupação.”. Um terceiro relato apresenta-se por desconhecimento, porém preocupação: “um funcionário foi tirar uma colmeia no campo, ele não tinha trato, com os cachorros latindo, fez de qualquer jeito. Foi picado e atacado, e acabou falecendo.”, representando claramente uma falta de entendimento do cuidado e trato com o animal, porém demonstrando, pela conversa, preocupação e necessidade de maior conhecimento, na convivência e conscientização da preservação.

A fim de explicitar os conceitos mais relevantes e sobressalentes das interações, segue-se com uma nuvem de palavras, que demonstram a essência das interpretações provenientes dos atores externos.



Figura 2 – Nuvem de palavras: Campo 01

Fonte: Autora

Fica evidente nos relatos e no conjunto de palavras apresentados que as interpretações, por mais diferentes, guiaram o processo de projeto para um outro rumo. O protótipo enquanto processo incentiva o diálogo, traz diferentes interpretações, embargadas pelas experiências de vidas das pessoas em questão, e acima de tudo, desconstrói o processo de sentido inicial e propõe uma nova realidade, neste caso a coabitação com as abelhas.

Visualiza-se, neste movimento, o exposto por Zingale (2016), de que o sentido das coisas, “está todo na práxis social que a inventa, determina, transforma: na capacidade do mesmo de contribuir a modelar a nossa humanidade”. A interpretação de outras pessoas ressignifica a prática de prototipagem, trazendo para os projetistas um novo olhar e entendimento, uma nova realidade. Partindo-se desta reinterpretção e produção de sentidos, passa-se para uma rodada de crítica, entendimento e nova experimentação material, a fim de especular e redirecionar as práticas projetuais para a coabitação entre humanos e abelhas.

A fim de um maior entendimento sobre a situação e transformação, parte-se para um segundo movimento de prototipagem em campo, colocando a nova face projetual em contato com interpretantes externos. A cena mantém-se no mesmo parque, porém em um espaço mais verde e distante da interferência urbana, visto que, entendeu-se que um ambiente mais “tranquilo” e natural favoreceriam a interação.

Evidenciam-se relatos como: “O crescimento das cidades tem prejudicado viver em harmonia com os animais. Cidades de concreto, não temos árvores, preciso ir em parques ver flores, e mesmo assim, olha, são poucas.”, outras relacionadas a qualidade da alimentação: “Tenho 60 anos, parece? Só como orgânicos, mas está sendo uma dificuldade, com a legislação cada vez mais permissiva, por mais que se tenham zonas livres de agrotóxicos, não há como garantir que o vento não leve o veneno até os alimentos orgânicos e isso reflete em tudo.”. Outro relato vem de uma médica, que caracteriza ainda mais a relação entre interpretação e bagagem pessoal, quando expõe que: “toda a experiência me traz sensações ruins, perda de liberdade, me lembra momentos ruins no hospital, de perda de pacientes.” e não demonstra nenhuma vontade de aproximação com abelhas. Uma outra exposição faz alusão ao período ditatorial: “uma horrível sensação de enclausuramento, sufocamento, me lembra os tempos de ditadura, isso foi uma cimentação. Os humanos não sabem conviver com nenhuma outra espécie, queremos controlar e usar tudo ao nosso favor.”.

Nesta direção, entende-se o artefato como efeito de sentido. Cobrindo a máxima da prototipação enquanto processo projetual, entende-se o protótipo perante a incompletude, como ser inacabado, que traz em si uma atmosfera da significação, nutrida de signos, enunciados e conexões. Assim, pondera-se que, nos objetos – instâncias formais da corporeidade – o que significa não são apenas os símbolos, são principalmente as relações provenientes da sua composição.

Sobre a produção de sentidos e particularidades sob o olhar do design, consideram-se tanto o ator interpretante, quanto o objeto, como peças-chaves e conclusivas da interpretação. Na prática apresentada, as interpretações – internas e externas ao espaço projetual – foram imprescindíveis para a análise e verificação da significação e produção de sentidos. Entende-se que os movimentos evidenciados eram situados e assim representam uma situação “controlada” – no entendimento de espaço, público, intervenções –, mas que, mesmo assim, as inúmeras integrações e interpretações divergiram entre si, corroborando com a ideia de que toda a interpretação é única e provém da bagagem pessoal do ator humano, ou seja, compõe-se pela construção e entendimento do mesmo ao longo de suas vivências.

Considera-se que a prototipagem é uma prática que implica em constante produção de sentidos, em todo o processo projetual. Primordialmente pautada pela interação com um ator humano, requer a atenção, interpretação e conexão com o mesmo. Compreende-se assim a prototipação como um potencial de transformação, ressignificação e inovação dentro do design estratégico. Por fim, elenca-se também a ressignificação do próprio projetista, como sujeito da prática, perante a situação abordada e principalmente frente ao entendimento de prototipagem. Entendendo-se a processualidade projetual da prototipação, bem como a produção de sentidos, intrínseca a sua essência, conclui-se o potencial reflexivo e carga de aprendizado gerados pela prática, o que ressignifica não só o protótipo, como o próprio projetista, autor da ação.

Semiotic analysis of prototyping: the prototype as a design process in constant resignification

Abstract: As a space for the production of meanings, the proposition of new realities, innovation and transformation, key strategic features are noted in the strategic design, such as reflection and prospecting. In this sense, prototyping is visualized as a design process, which presupposes the incompleteness of the prototype, an eternal opening that leads to constant new interpretations, visions and resignifications. The article intends to analyze the production of meanings and reframing in a situated prototyping practice, analyzing the transformations caused in the project situation addressed, as well as in the vision of the designer himself. It is concluded that with the development of the design process, the situation changed thanks to different interpretations and reinterpretations by designers and external actors, thus corroborating a great potential for the production of meanings in prototyping.

Keywords: Production of meanings; Prototyping; Strategic Design; Corporeality;

Referências bibliográficas

FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade – exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005

JIMÉNEZ, Corsín. The prototype: More than many and less than one. **Journal of Cultural Economy**, 7(4): 381-398, december, 2013.

MERONI, A. Strategic Design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, São Leopoldo, 1(1):31-38 julho – dezembro, 2008.

MEYER, Guilherme. A experimentação como espaço ambivalente de antecipação e controvérsias. **Design Studies**, Rio de Janeiro, v. 26, n.1: 29-47, 2018.

MEYER, Guilherme. O caráter último-primeiro do protótipo. In: **Design Culture Symposium**, Porto Alegre, Unisinos, 2018.

ZINGALE, Salvatore. Qual a semiótica para o design? A via pragmatista e a construção de uma semiótica do projeto. In: DE MORAES, Dijon. **Caderno de estudos avançados em design**. Barbacena: EDUEME, 2016.

ZURLO, Francesco. Design Strategico. In: **XXI Secolo**, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani, 2010.